

sempre em aberto e o "assento perigoso" dos romances da Távola Redonda espera ainda pelo seu "cavaleiro louco e puro". Nem Frederico II, imperador das Alemanhas, rei dos romanos, na sua tentativa suprema de reencontrar à luz da inteligência o Sol dos alquimistas, o "leão vermelho" dos filósofos, nem o grande Napoleão na sua busca heróica e guerreira em torno do Zodíaco como a águia da apocalipse, nem por fim Hitler, esse novo Galaad wagneriano a vagar à procura do Graal inacessível e do Sol negro, conseguiram encontrar de novo a luz oculta que, após terrível cataclisma, tragou há dez mil anos a Atlântida e a sua capital Posêidon, sob as ondas tumulares do Oceano.

Se entretanto o tesouro espiritual legado outrora pela "raça divina" dos "homens de Tule" não foi perdido, graças às primeiras dinastias solares do Egito, sua mensagem tornou-se pouco a pouco ininteligível para os homens extraviados, e os textos truncados e degradados foram consumidos para sempre, no dia em que repercutiu esse grito de desespero: "O Grande Pã morreu!"

Assim o Sol dos vivos desapareceu e só permanece atualmente o Sol dos mortos. Entretanto segundo o calendário do Universo inscrito no Zodíaco, nossa era atual, dominada pelo signo dos Peixes (símbolo do cristianismo), deve findar em breve para ver suceder-lhe a era do Aquário, ou do "escansão dos deuses", Ganimedes, raptado pela águia de Zeus (Júpiter). Após esta última fase, os acontecimentos devem precipitar-se, e se verdadeiramente nos aproximamos do fim do ciclo terrestre atual, aquele que os hindus na sua sabedoria milenar chamam o KALI-YUGA (que significa o triunfo de Kali, deusa da Morte e do Sexo), isto é, a idade do ferro que sucede às idades do ouro, da prata e do bronze, a destruição de nosso velho mundo poderia tornar-se uma solução para se encarar sem despeito, se é verdade que do lado do Oriente, no lugar em que se levanta o Sol, bem longe da pequena Palestina, aparece uma claridade vermelha, anunciadora de uma nova aurora.

A China, o Império Celeste, Dragão adormecido há mil anos despertou subitamente, inflamado pelo SOL VERMELHO de Mao Tsé-Tung, e a revolução chinesa ameaça seriamente pôr termo breve à era dos Peixes. Esta chama acesa na fogueira da revolta do Espírito incendiará todo o planeta?

Não saberíamos responder a esta pergunta angustiante que desenvolveremos na conclusão, e de vez que não chegamos ainda ao termo desta subversão, embora a perspectiva de uma renovação integral pelo fogo não esteja mais tão distanciada, é para ressuscitar as figuras, ao mesmo tempo inquietantes e grandiosas dos SETE PERSONAGENS prosseguindo na sua "busca" solar como os SETE PLANETAS da astrologia tradicional, que este livro foi escrito. Os quatro primeiros "Grandes Seres" dedicaram-se ao Sol dos vivos, os três últimos ao Sol dos mortos; e porque num dia secreto esses "místicos do Sol", esses homens que não eram mais completamente homens, receberam a centelha bravia da iniciação, se chocaram contra o muro da incompreensão e do caos ou oscilaram na vertigem do orgulho. Entre Zoroastro e Hitler, há talvez menos distância que entre Buda e Jesus. A metafísica hindu ensina a crença da reencarnação das almas no curso de vidas sucessivas. Quem nos explicaria de outra maneira o mistério da filiação solar que liga um Alexandre a um Napoleão? A roda do Samsâra dos brâmanes arianos, roda do Tempo, roda do Sol, pode tomar a forma da Swastika ou cruz gamada sem jamais parar seu giro incessante, arrastando-nos no turbilhão da vida e da morte. Hipnotizados por esse espetáculo teríamos sido enganados contemplando o mundo da Ilusão?... Essa aventura oculta que não se assemelha a um conto contribuirá, esperamos, a dissipar muita nebulosidade e muitas crenças falsas.